

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens incipiam
ad destinatum persequor, ad brevium
triumphum Ecclesie... in Christo Jesu...»

AD PHILIP. 13, 11.

SUMMARIO: — *Provisão do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto acerca do Indulto de Quaresma.* — SECÇÃO DOU-
RINAL: *O Padre Catholico*, p. 1. rev.^{mo} sr. P. N. rte. — SECÇÃO CRITICA: *Recordações*, pelo ex.^{mo} sr. Dom Antonio d'Almeida; — *O missionario*, pela ex.^{ma} sr.^a M. M.; —
Bemfeita (Descripção estatística), pelo rev.^{mo} sr. Albino S. D. C. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens no'aveis da Companhia de Jesus*,
pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO LITTERARIA: *A Milicia Christã* (2.^a parte) pelo rev.^{mo} sr. João
Rodrigues Cosgaya; — *Portugal*, pelo ex.^{mo} sr. Rangel de Quadros; — *O missionario*, pelo rev.^{mo} sr. Francisco Guerra. — SECÇÃO BIBLIO-
GRAPHICA. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Santa Apolonia, virgem e martyr*; — *Bodas de Caná.* — RETROSPECTO.

Gravuras: *Santa Apolonia, virgem e martyr*; — *Bodas de Caná.*



SANTA APOLONIA, VIRGEM E MARTYR

D. AMERICO, Cardeal Pr. sbytero da Santa Igreja de Roma, Ferreira dos Santos Silva, doTitulo dos Quatro Santos Coroados, por graça de Deus e mercê da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Par do Reino, Grã-Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e Comendador da de Christo, etc.

Ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Cabido, Reverendos Parochos, Clero e mais Fieis d'esta Nossa Diocese, Saude, Paz e Benção em Jesus Christo Nosso Senhor e Salvador.

FAZEMOS saber aos Nossos queridos Filhos Diocesanos, que, subsistindo os mesmos motivos, pelos quaes lhes tem sido concedido nos annos anteriores o Indulto quadragesimal chamado=Indulto de Quaresma=para durante esta poderem usar de comida de carne, solicitamos para o corrente anno de 1898 a mesma graça ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Nuncio Apostolico n'estes Reinos, que, com a sua costumada e natural bondade, a concedeu immediatamente, como Nos fez saber em sua Carta d'officio de 11 de Dezembro findo, e com as mesmas costumadas condições.

Em virtude, pois, das Faculdades Apostolicas que Nos são transmittidas, e na sua conformidade, Havemos por bem declarar o seguinte:

1.^o Durante o tempo da Quaresma do corrente anno de 1898 os Fieis de um e outro sexo residentes n'esta Diocese, incluindo as Religiosas, os quaes por voto ou preceito especial não estiverem obrigados a rigorosa abstinencia, poderão fazer uso de quaesquer alimentos de carne e temperos de gordura de porco, ficando todavia sempre em vigor a lei do jejum ácerca de uma só refeição principal para aquelles que estão obrigados a guardal-o.

D'este Indulto, porém, sómente poderão aproveitar as pessoas que contribuirão para a Bulla da Santa Cruzada com a esmola, que para cada um e tá determinada, segundo os seus meios de fortuna.

2.^o D'esta concessão de comida de carne são exceptuados os seis dias seguintes: Quarta-feira de Cinza, Vigilia de San José, Vigilia da Anunciação de Nossa Senhora, Quinta-feira Santa, Sexta-feira Santa e Sabbado d'Alleluia, em cada um dos quaes é permittido sómente o uso de comidas rigorosamente magras, com exclusão do tempero de unto e manteiga de porco.

3.^o Nos tres dias das Temporas, nas Sextas-feiras e nos Sabbados é tambem prohibido o uso de comidas de carne a qualquer refeição, mas não o

dos referidos temperos de unto e manteiga de porco, excepto se algum d'estes dias coincidir com outro dos seis acima mencionados, porque então nem esses temperos são permittidos.

4.^o Em dia nenhum, nem mesmo ao Domingo, se poderá misturar carne e peixe por qualquer fórma na mesma comida.

5.^o As pessoas obrigadas ao jejum não pódem nos dias d'este usar alimentos de carne senão ao jantar; mas á refeição da consoada é-lhes permittido servir-se de temperos de gordura. As pessoas, porém, que estiverem legitimamente dispensadas do jejum, poderão tomar alimento de carne com quaesquer temperos a todas as refeições, salvo sempre o disposto no numero 4.^o supra ácerca da mistura.

6.^o Esta concessão do Indulto, exclusiva para a Quaresma, não altera outra que a alguém haja sido legitimamente feita, nem os privilegios conferidos pela Bulla da Santa Cruzada, aos que a tiverem, para uso de ovos e lactícinios durante o anno; e bem assim fica subsistindo o costume e posse immemorial n'esta Diocese de temperar os alimentos com unto e gordura de porco em todos os dias d'abstinencia.

Além d'estas concessões até aqui expressas, que são de Faculdade Apostolica, Havemos por bem, pela Nossa Jurisdicção Ordinaria e para maior proveito espiritual dos Nossos caros Diocesanos, permittir igualmente o seguinte:

1.^o O tempo da desobriga quadragesimal poderá ser prorogado até á Festividade dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo pelos Reverendos Parochos, que assim o entenderem necessario ou conveniente, sem prejuizo todavia da apresentação dos respectivos roes nos quinze dias depois d'este ultimo prazo.

2.^o Aos Reverendos Parochos, bem como aos Confessores que tiverem licença Nossa pelo menos d'um anno, damos a necessaria jurisdicção para durante o tempo da desobriga absolverem seus penitentes de qualquer peccado a Nós reservado, precedendo sempre a restituição de fazenda ou de credito por parte d'aquelles que a ella estiverem obrigados: e tambem lhes concedemos facultade para, durante o anno corrente e até á publicação de novo Indulto, applicarem aos moribundos a Absolvição com Indulgencia Plenaria do Santo Padre Bento XIV.

3.^o Por ultimo declaramos que, com quanto a esmola para a Bulla da Santa Cruzada seja condição indispensavel para que os Fieis d'esta Diocese se

possam licitamente utilizar das concessões do Indulto Apostolico para uso de comida de carne, todavia não a impomos áquelles que se aproveitarem das que dependem unicamente da Nossa Jurisdicção Ordinaria, acima referidas n'esta segunda parte da Nossa Provisão.

Quão diferentes são os tempos que vão correndo agora, comparados com os anteriores n'este ponto dos preceitos da abstinencia e do jejum! Não vae longe, nem fóra já de memoria, a epocha em que os fieis, inabalaveis na sua firme adhesão aos Mandamentos da Santa Madre Igreja, pareciam ter em menos conta e por vezes até darem de barato a observancia dos Mandamentos da Lei de Deus; e todavia bem sabiam que estes de Deus são eternos, geraes e immutaveis, ao passo que os primeiros são temporarios, disciplinares e sujeitos a commutação e até dispensa.

Varias têm sido as causas d'esta frouxidão quanto ás prescripções da Igreja, e desnecessario é n'esta occasião expendel-mas ou discutil-as, quando ellas provêm mais ou menos das novas delicadezas da natureza humana e das complicações da vida moderna. O que porém é certo é ter chegado essa tibieza ao ponto de ser imperiosa por parte da Igreja a necessidade de abrandar seus primitivos rigores e tratar tambem com benignidade a quem se ia tornando fraco e descuidado.

Com maternal affecto acudiu a Santa Igreja com as concessões tão amplas com as Indulgencias da Bulla da Santa Cruzada; e, como se ainda tudo fosse pouco, accresce-lhes agora o Indulto quadragesimal, permittindo o uso de comidas de carne durante a Quaresma e igualando-a, quasi, ao resto do anno.

Ao condescender até este ponto com as commodidades dos Fieis, nunca a Santa Igreja lamentou a necessidade que a tanto a obrigava; pois bem contava com o espirito illustrado de seus filhos e não menos com a generosidade do coração d'elles, que estes dois sentimentos não lhes permittiriam deixar de dar liberalmente em troco a mais efficaz compensação. Convidados foram, que não obrigados, os que quizessem utilizar-se da Bulla da Santa Cruzada a contribuir para ella com o mais modico dos donativos; e, segundo suas posses, os fieis se têm esmerado em auxiliar a Igreja no seu elevado fim do augmento dos Seminarios e do esplendor do culto, coadjuvando alumnos pobres e distribuindo esmolal ás Igrejas mais necessitadas.

Quanto tem podido conseguir dos Fieis a comprehensão d'estes novos fins,

e quão acertada era a confiança da Igreja: é o que cada anno está proclamando o successivo augmento do producto das esmolas para a Bulla n'esta Diocese do Porto, pois que no anno findo de 1897 ainda excedeu ao anterior na importante quantia de cento e quarenta e um mil e cem reis, (141,5100).

Não Nos demoraremos em querer convencer os Nossos caros Diocesanos do muito que lhes interessa terem bons Parochos e da intima satisfação que devem ter em ver restaurada a pobre igreja da sua não menos pobre freguezia: elles o sabem tão bem ou melhor que Nós. Já é tempo, porém, de protestarmos, como sempre n'este occasião o temos feito, a Nossa mais viva gratidão por tanto beneficio e apresentarmos a todos os offerentes os mais sinceros agradecimentos pela sua nunca desmentida generosidade, termo este o mais bem cabido por se dirigir principalmente aos offerentes menos abastados. N'esta divida, em que desde ha muito Nos achamos constituídos, não esqueceremos por certo os Reverendos Parochos, Confessores, e Prégadores, que com inexcédível zelo se têm empenhado no desenvolvimento d'esta sancta obra: e a todos rogamos queiram mais uma vez acceitar o testemunho aqui consignado do Nosso cordeal reconhecimento.

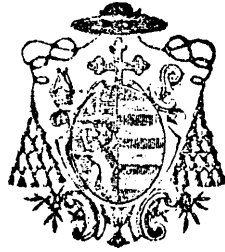
Prostrado perante Deus, com o maximum fervor Lhe rogamos se digne acceitar esta sancta obra dos Nossos caros Diocesanos como uma das condignas preparações para a celebração dos Santos Mystérios da Redempção de Nosso Senhor Jesus Christo e para d'ella colherem o fructo da Eterna Bemaventurança.

Se Deus Nosso Senhor permittir e Nos conceder a inapreciavel e nunca assás implorada graça de celebrarmos a solemnidade da Resurreição de seu Divino Filho, assim o faremos no proximo dia de Paschoa, na Nossa Sé Cathedral, pelas dez horas da manhã, e daremos a Benção Apostolica com Indulgencia Plenaria aos que comparecerem devidamente preparados. Aquelles, porém, que estiverem legitimamente impedidos de assistir, alcançarão a mesma Indulgencia, se, do mesmo modo dispostos, formarem intenção de receber a Benção na occasião de a darmos, que será annunciada pelo signal na torre da Igreja Cathedral.

E para que esta Nossa Provisão chegue ao conhecimento de todos, será publicada e remetida aos reverendos Parochos, para a lerem á Estação da Missa Conventual no primeiro Domingo depois de recebida.

Dada no Porto e Paço Episcopal,

sob Nosso Signal e Sello de Nossas Armas, aos 5 de Janeiro de 1898.



AMERICO, CARDEAL
BISPO DO PORTO

Conego

Manoel José Gonçalves Corrêa e Sá,

Secretario.

SECÇÃO DOUTRINAL

O Padre Catholico

O HOMEM orgulhoso com uma sciencia vã revolta-se contra o espirito de Deus; com o escarneo nos labios lança a duvida ás portas do sanctuario! Ao mesmo tempo, porém, a mão debil do sacerdote humilde fortalecida pelo espirito do Senhor, levanta a cruz como arca de salvação no diluvio da iniquidade, e exhorta os fieis para que não deixem o caminho que conduz á Patria Celeste.

Pode a tempestade do seculo, com suas ondas furiosas, desfazer reinos, despedaçar thronos, e, levantando-se com infernal magestade, arremessar-se contra a Igreja de Christo; mas eis que, estorcendo-se, cae, impellida pela mão do Padre, e exhala a sua raiva em terríveis e impotentes blasphemias!

O Padre catholico espalha na terra que o scepticismo tornou inculca e arida, as sementes da fé repetindo as palavras de Deus e os preceitos da Igreja; e as suas palavras, modeladas pelas formulas sanctas, sairão levando o orvalho da doutrina de Christo aos corações ressequidos pelas paixões desregradas; e a Igreja abrindo os braços ás ovelhas desgarradas, diz—*a essas gentes perdidas—vinde para mim vós todos os que soffreis porque sereis consolados.*

O Padre catholico, esse homem a quem a impiedade escarnece, a quem não poupa a calumnia, esse homem estranho ás pompas da vida, é o companheiro do pobre a quem minora as dores do corpo com o obulo da esmola e as dores da alma com o obulo da palavra; é o filho da caridade que desce á mansão da miseria levando o confor-

to e a esperanza, como á morada do crime levando-lhe o perdão pelo arrependimento! No palacio do rico como na choupana do pobre a sua missão é de paz; com as mãos sobre a cruz não reconhece jerarchias; em todos os homens vê irmãos, e em sua alma só acha sentimentos de caridade e compaixão para os seus mesmos perseguidores! A sua familia é a humanidade inteira; os que soffrem são os seus filhos predilectos; ajoelha ante o leito do moribundo para lhe suavisar aquella hora extrema com o balsamo da palavra de Deus revelando-lhe a sua misericordia infinita; e o homem ás portas da morte, abandonado de tudo e de todos, encontra a Igreja Catholica, representada pelo seu ministro, que do limiar da vida lhe envia um ultimo adeus e lhe lança a benção derradeira.

O Padre catholico toma parte nos actos mais serios da vida do homem recebendo-o na pia baptismal, offerecendo-o ao Senhor, fallando-lhe em Deus logo desde tenros annos, sanctificando-lhe os laços da familia, deitando-o no tumulo; e abençoando-o quando já não ouve; recebendo-o ás portas da vida, cobre-o com o véo da graça; deixando-o ás portas do sepulchro, cobre-o com o véo do arrependimento!

E o Padre, que tudo isto faz, é tido pelos governos como o mais inferior de seus empregados! Se olham para elle é com desprezo. Entregam-no ao populacho como fizeram os Judeus a Jesus para ser objecto de seus desvarios e alvo de suas injurias como todos presencearam ainda não ha muito na capital d'um reino que se diz *Fidelissimo* e que é catholico! Ufanam-se os teus filhos em seres assim chamado, Portugal, mas as suas crenças vão rareando um pouco, e o nome que os outros paizes te dão e que tu outr'ora merecias mais que todos, agora bem pouco te cabe!

Como d'antes n'outros povos (o que não é raro vêr-se agora) era premiado o vicioso e o libertino, assim hoje, entre nós, quem merece mais é que me nos se lhe dá!

Se o Padre arrisca a sua propria vida para salvar os outros; se é incansavel em ajudar os irmãos o conforto e o alente, que não hão de os governos provêr á sua honesta sustentação? Porque não hão de os Bispos, ou a quem competir, levantar um brado em pró de quem tantos serviços presta á humanidade? Não me admira que isto seja o bradar no deserto, porque: a virtude é desprezada e ao vicio dão-se premios.

P. NORTE.

SECÇÃO CRITICA

Recordações

NA historia contemporanea ha um facto, que no seu todo não é geralmente conhecido: O Imperio no Mexico de Maximiliano, Archiduque de Austria.

Os bons Mexicanos, cansados por uma serie de revoluções republicanas no Mexico, pensaram que poderiam pôr um dique a taes movimentos revolucionarios estabelecendo, ou restabelecendo uma monarchia n'aquella parte da America, e homens de primeira importancia trabalharam n'este sentido durante vinte annos até que conseguiram achar um principe de sangue, da casa e dynastia d'Austria, que aceitou o convite para imperador do Mexico.

O homem importantissimo em sentimentos, intelligencia e riqueza, que durante vinte annos dirigiu na Europa os negocios para ser fundado novamente no Mexico o imperio onde já tinha havido o de Montezuma; aquelle notavel negociador foi Guttierrez Strada, que em tempo tinha sido embaixador mexicano junto do Pontífice-Rei Pio IX.

Aquelles negocios correram tão bem e auspiciosos até ao ponto da commissão mexicana ir a Miramar offerecer, em nome do verdadeiro Mexico, a corôa imperial ao Archiduque Maximiliano que a aceitou; aceitaada que foi dirigiu-se aquella commissão a Roma e no Hotel da Europa tive a honra de conferenciar com os mesmos commissarios, que antecederam a visita do novo imperador *ad sacra limina* sem grande intervallo.

N'esta noticia entra agora uma nota muito importante. Deram-se então sérias complicações diplomaticas dos gabinetes da França, da Hespanha e da Inglaterra, com o Mexico, cujo presidente era Juarez; e tão sérias que aquelles tres gabinetes decidiram de accordo mandar forças militares importantes ao Mexico; a França mandou um corpo de exercito, a Hespanha mandou outro, e a Inglaterra mandou uma esquadra que deitou ferro nas aguas do primeiro porto do Mexico—Véra Cruz.

Mas aquelle accordo internacional desfez-se; as tropas hespanholas, commandadas pelo general Prim, retiravam do Mexico, a esquadra ingleza levantou ferro, e ficou só a expedição franceza sob as ordens do general Bazaine que mais tarde foi elevado por Napoleão III a marechal de França, e se intrometteu nos negocios internos do Mexico de modo a não agradar aos ca-

tholicos decididos d'aquella parte da America, e todos sabem como mais tarde findou, reduzido a paisano aquelle marechal.

Chegados a Roma o imperador e a imperatriz do Mexico, seguidos da sua côrte, foram hospedar-se no palacio Mariscotti que o notavel cavalheiro Guttierrez Strada (do qual se fica dito antes) tinha posto á disposição de Suas Magestades Mexicanas.

Installados os imperadores foi sua instalancia de passagem, pois que a demora imperial foi de uns cinco dias incompletos, e por isto não houve tempo para sua ex.^a o Duque de Saldanha, embaixador de Portugal junto do Pontífice-Rei Pio IX; repito não houve tempo para sua ex.^a offerecer aos referidos imperadores, como era sua resolução, uma serenata; n'este plano fui eu intermediario.

II

No dia immediato á chegada dos imperadores foram estes orar á Basilica de S. Pedro no Vaticano, e depois subiram os imperadores aos aposentos Papaes para serem recebidos em audiencia solemne pelo Pontífice-Rei Pio IX que os acolheu com notavel expansão; havia tanto a esperar d'aquelle imperio! A intriga maçonica minou-o e depois deu com elle em terra; mais tarde fez o mesmo á republica da Garcia Moreno, no Equador.

Depois da audiencia pontificia subiram os imperadores e seu sequito aos aposentos do Eminentissimo Secretario de Estado para o cumprimentar; era então Secretario de Estado Sua Eminencia Antonelli, o grande Antonelli com quem tive a honra de tractar por annos mui intimamente.

E' da praxe da côrte pontificia ir depois das audiencias pontificias solemnes immediatamente cumprimentar Sua Eminencia o Cardeal Secretario de Estado.

Sua Santidade Pio IX apreciou de modo a fundação do novo imperio do Mexico, que nomeou-lhe logo seu Nuncio Monsenhor (mais tarde Cardeal) Mégia, que partiu para a sua Nunciatura logo que o novo imperador se assentou no throno.

Corria tudo maravilhosamente, mas a intriga maçonica, ao que já alludimos, trabalhava incessantemente contra o novo imperio catholico.

No dia immediato ao da audiencia pontificia foi Sua Santidade visitar os imperadores ao palacio Mariscotti; não é mister explicar como imperialmente foi recebido Sua Santidade pelos imperadores para que se julgue da magnificencia d'aquella recepção.

A' noute houve o recebimento de

etiqueta no Paço Imperial d'ocasião, tendo sido enorme o concurso a apresentar as suas felicitações ao imperador e á imperatriz. De entre a referida enorme concorrência e da bocca da pessoa que n'aquelle momento se achava mais proxima do imperador, sahiu, em voz alta, que todos ouviram, este pensamento: Vossa Magestade vae encontrar grandes difficuldades!

No mesmo tom e em continente respondeu o imperador de maneira mui completa e digna.

No dia que se seguiu foi Sua Santidade pagar a visita aos imperadores, que pouco depois partiram de Roma em direcção immediata ao Mexico, longa viagem!

O Papa recebe a todos mas só visita os Soberanos, que o são ou tem as honras; é da Pragmatica Papal.

A' partida imperial a intriga maçonica estava em tal força que não permitiu que o sólido conselheiro do imperador e seu primeiro servidor Guttierrez Strada o acompanhasse ao Mexico; Strada queria um governo e uma politica de rasgo catholico. A má politica de Napoleão III trabalhava tambem no sentido contrario aos esforços dos catholicos, fundadores do novo imperio Americano, e tanto que conseguiram a retirada para França do corpo do exercito auxiliar commandado por Bazaine.

Chegados ao Mexico os imperadores, a maçonaria apossou-se do governo e governou a descontento tal dos catholicos de fé e obras que Sua Santidade fez transmittir as ordens ao seu Nuncio Apostolico para que este se retirasse do Mexico para outro ponto da America, e Monsenhor (mais tarde Cardeal Meglia, como antes dissemos) executou as ordens que recebeu do Pontífice-Soberano, mas ficando na America.

A decadencia do imperio estava prognosticada por culpa da maçonaria.

III

Da Europa tinham partido muitos voluntarios, e em grande parte belgas, para o Mexico, mas não tantos que supprissem os soldados francezes, embora o valor mui recommendavel d'aquelles voluntarios.

Angustiosas eram as circumstancias d'aquelle imperio apenas nascido e taes que a imperatriz entrou n'uma grande excitação de espirito e tomou a resolução de vir sem o imperador á Europa, e veio em direcção immediata a Roma, pedindo a Sua Santidade que lhes valesse! Pio IX recebeu a desditosa princeza com toda a expansão d'um pae e contristado por todas aquellas circumstancias ás quaes o Pontífice-Rei não

podia dar remedio. Cresceu a exaltação mental da imperatriz até ao ponto de não querer sahir do Vaticano e recusar alimentação e remedios medicos que lhe não fossem ministrados pelas mãos do Papa.

Afinal e depois de muito esforço ce-deu a imperatriz, indo do Vaticano para o Abergio (Hôtel) de Roma, inconsciente do que se passava no Mexico mesmo sem a triste noticia da morte do imperador, seu esposo; mais tarde seu irmão El-Rei dos Belgas, Leopoldo II, tomou aos seus bons cuidados sua desditosa irmã, já viuva, e fez com que Sua Magestade voltasse á Belgica, seu paiz de nascença, e de onde em tempo esteve para sahir e ser a esposa do senhor Dom Pedro V, de Portugal.

O imperador Maximiliano morreu passado pelas armas de Juarez; e morreu como verdadeiro christão assistido do seu confessor (que pessoalmente tivemos a honra de conhecer) o qual o acompanhou desde Miramar até á morte; Maximiliano, embora errasse politicamente, foi um principe catholico!

Os auspicios, com que foi offerecida ao Archiduque Maximiliano a corôa do novo imperio do Mexico, foram taes que não admira que Sua Alteza Imperial fizesse d'ella aceitação, deixando a eminente posição que occupava no imperio Austro-Hungaro, e separando-se para tão longe da familia onde nascera e na qual é forte, é terno, o sentimento de casa, o que nos foi constatado em nossa não curta estada em Vienna d'Austria. Mas o mundo é o mundo, que um philosopho sem diploma comparou ao pau do ar dos bovinos, dizendo: que o mundo é duro, ôcco e torto.

Este philosopho era pessoa da casa dos senhores marquezes de Lavradio, onde aliás as virtudes e a sciencia não eram hospedes.

IV

O estado moral do Mexico era: uma guerra official ou governativa tão acirrada contra os sentimentos catholicos dos filhos do paiz na sua immensa maioria decididos pela Egreja de Deus, uma guerra tal que obrigou todo o venerando Episcopado d'aquella nação a sahir das suas dioceses, indo para a Europa porque n'esta parte do mundo é a séde do Papa.

Só um Bispo, d'aquelles venerandos Antistites, não veio, por impossibilidade, para cá, mas foi do Mexico para outro paiz da America. Que collecção Apostolica aquella, que santa e sabia amostra (releve-se-me a expressão) do Episcopado Universal!

Tivemos o grande bem e honra da sua convivencia. Individuos e grandes

familias ausentaram-se do Mexico seguindo os passos dos venerandos Bispos, e com tão boa gente concorremos na Europa

Juarez estava *sub manu* maçonica, era catholico e sua familia catholica pratica e esta importantissima circumstancia muito concorreu para que Juarez, presidente da Republica do Mexico, viesse a bons pensares mais tarde depois de vencido e fusilado Sua Magestade Maximiliano.

A furia da perseguição amansou, o catholicismo no Mexico começou a vêr respeitados seus justos direitos, e os venerandos Bispos entraram em paz nas suas dioceses, mas em maior numero, por isso que aquelles Prelados aproveitaram a sua estada em Roma para proporem á Santa Sé o augmento de Bispados, cinco novas dioceses; a maçonaria obrigou violentamente a sahirem do Mexico doze Bispos que tantas eram então as dioceses e depois do que se passou recebeu o Mexico não doze, mas dezeseite!

E, que, quando apraz a Deus, o seu poder obriga o mal a servir o bem e assim a perseguição aos Bispos do Mexico obrigou-os a refugiarem-se em Roma e refugiados lá tiveram a occasião de preparar as cousas para o augmento dos Bispados no Mexico e Juarez não fez resistencia. Juarez na sua segunda presidencia da Republica do Mexico fez notavel differença, deixando de ser hostil aos catholicos, respeitando mesmo os direitos Episcopaes.

O Mexico é uma extensissima região, é maior que a França.

Teve uma notavel antiga civilização, ha mui notaveis escriptos que assim o provam e dos quaes temos algum conhecimento; de todas as antigas Americas hespanholas parece-nos ser a mais importante; sua riqueza mineral é tamanha que quando a guerra de Montezuma sua metralha foi feita com as moedas pesos duros.

Os catholicos de fé e acção no Mexico foram principalmente resolvidos a decidirem-se pelo imperio Maximiliano na persuasão de que este lhes daria paz religiosa; foi o que motivou a Belgica a proclamar a sua independencia autonómica da Hollanda, cujo governo então maltractava os interesses catholicos e tinha os filhos da Santa Egreja *sub manu hostili*; a resolução dos belgas achou sympathia em todos os gabinetes governativos da Europa e tanto que por accôrdo dos mesmos gabinetes foi declarada neutral a Belgica, e assim posta a coberto de qualquer invasão estrangeira, e a Hollanda sujeitou-se a respeitar o novo reino; as relações da Belgica com a Hollanda são as da boa visinhança, não ha resentimento algum. E ha muitos annos já os interesses ca-

tholicos na Hollanda são respeitados: *quam longe ab illo!*

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

O missionario

POR entre as fileiras dos homens illustres e grandes, ha um que a todos sobressae pela sua acrisolada virtude, vasta sciencia, heroismo e desinteresse — é o missionario catholico.

Quem ha que não conheça esse ser divinizado que tanto confunde os grandes do seculo? Quem ha que não admire e respeite esse homem de Deus a cuja causa se votou d'alma e coração a defender e dilatar por todo o mundo?

Sem outra munição mais que o breviario e a cruz, elle ahi vae, mar fóra, arrostar com as bravuras das encapelladas vagas, com os horrores das tempestades e com os vaes-vens d'uma longa e trabalhosa viagem que tanto o consome e martyrisa, mas que elle acceita com resignação santa, porque além-mar, nas longinquas paragens da Africa, America, e Oceania ha irmãos seus que é necessario evangelisar para terem entrada no reino de Jesus. E o missionario catholico ahi vae percorrer esses vastos sertões, e impavido, porque o anima o amor do dulcissimo Jesus, deixa acercar-se de si uma multidão perversa—os selvagens; e, com a sua meliflua palavra, lhes annuncia o Evangelho santo de Jesus. E aquellas feras indomaveis até alli como são os selvagens, o missionario catholico transforma-os em mansos cordeiros!

Que importa ao missionario os mil perigos que o ameaçam, se elle tem almas a salvar! Que lhe importa a morte tão cruel que tantas vezes vê perto de si, se o seu vivo aneio é ser martyr por Christo, e se elle sabe que uma alma que envie ao céo tem valor infinito! Que importa ao missionario que tenha de massacrar o seu corpo com vigalias, que tenha mesmo de o retalhar aos bocados para salvar almas para Jesus, se elle sabe que o seu divino modelo deu a vida n'um mar de martyrios para nos resgatar! E não é o selvagem creatura de Deus criado á sua imagem e similhaça?

E' isto o que o missionario catholico comprehende bem, e é por isso que elle deixa tudo e com o sorriso nos labios e os olhos marejados de lagrimas, diz um saudoso adeus aos paes e irmãos que o idolatravam e á patria que rida que lhe serviu de berço e que tanto amava, e vae levar a boa nova aos seus irmãos infieis, abrindo-lhes assim as portas do paraíso que a ido-

atria em que jaziam lhes cerrava. Oh! como deve ser grande a recompensa que Jesus tem guardada nos céos para este heroe do christianismo — o missionario catholico!

Quão resplandecente a aureola com que Deus lhe ornará a fronte! Se Jesus promette recompensar um copo d'agua dado em seu nome, que grande, que sublime deve ser a recompensa para o missionario catholico!! para elle que deixou tudo: interesses, commodidades, carinhos de familia, dores, sorrisos, tudo! e se sacrificou a Jesus por essas creaturas que vae salvar. Como deve ser grande a recompensa do missionario catholico! e que differença entre este todo amor, e o missionario protestante! Aquelle só com a cruz, a mansidão, a humildade e todas as virtudes christãs, não querendo nem recebendo outra paga mais do que aquella que lhe prometeu o divino Mestre a quem o seguir; e este, o missionario protestante, com uma religião toda falsificada, lá vae com mil apparatus, rodeado de commodidades, receber um salario exorbitante para propagar o erro, a mentira, e a heresia.

Parece impossivel esta inaudita cegueira do protestante! Ainda não ha muito que li a descripção d'uma missão protestante e eram tantos os ridiculos que me fez rir a bandeiras despregadas.

Mas depois na minha alma, senti, com amargura, os erros em que vivem essas infelizes victimas de Luthero e Calvino, e pedi a Deus que os illumine para deixarem os erros em que vivem submergidos e em breve os faça entrar no verdadeiro aprisco, que é a religião catholica, apostolica, romana. E aos nossos missionarios que Jesus lhes dê as forças necessarias para poderem com tão arduos trabalhos, é o que nós catholicos e portuguezes devemos desejar, trabalhando quanto nossas forças o permittirem para que as missões d'Africa sejam soccorridas.

Assim concorreremos para a salvação dos nossos irmãos infelizes que vivem ainda nas espessas trevas do paganismo, e d'uma terra selvagem faremos um paiz catholico e civilisado.

Avante! o que é por Deus não custa. As missões sejam a causa que todo o catholico e portuguez deve proteger com energia.

M. M.

Bemfeita

Descripção estatística

(Continuado de pag. 278)

Artigo 12.º, 7.º e 1.º Objectos, que ameçam ruina; art. 13.º e 5.º Proli-

bições; art. 14.º Carreiros; art. 15.º, 7.º, 1.º, 12.º, 13.º e 5.º Proibições; art. 16.º Idem; art. 17.º Conservação de objectos nas ruas; art. 18.º Damni-ficação de paredes; art. 19.º Cavalga-duras; art. 20.º Pejamento nas ruas; art. 21.º, 13.º, 15.º, 7.º, 1.º, 12.º, 13.º e 5.º Proibições; art. 22.º Fontes; art. 23.º Idem; art. 24.º Incendios; art. 25.º Idem; art. 26.º Donos de propriedades art. 27.º, 21.º, 13.º, 15.º, 7.º, 1.º, 12.º, 13.º e 5.º Proibições; art. 28.º Idem; art. 29.º Taberneiros; art. 30.º Moleiros; art. 31.º Padeiros; art. 32.º Peso do pão; art. 33.º Tor-neiros; art. 34.º Idem; art. 35.º Idem; art. 36.º Fornos; art. 37.º Estradas; art. 38.º Idem; art. 39.º Idem; art. 40.º Proprietarios, art. 41.º Donos de muros art. 42.º e 37.º Caminhos; art. 43.º Carreiros; art. 44.º, 27.º, 21.º, 13.º, 15.º, 7.º, 1.º, 13.º e 5.º Prohi-bições; art. 45.º Aguas dos rios; art. 46.º, 27.º, 21.º, 13.º, 15.º, 7.º, 1.º, 13.º, 5.º e 44.º Proibições art. 47.º, 46.º, 27.º, 21.º, 13.º, 15.º, 7.º, 1.º, 13.º, 5.º e 44.º Proibições; art. 48.º Pinheiros; art. 49.º Donos de animaes; art. 50.º Cães soltos; art. 51.º, 47.º, 46.º, 27.º, 21.º, 13.º, 15.º, 7.º, 1.º, 13.º, 5.º e 44.º Proibições; art. 52.º Mercados; art. 53.º Regatões; art. 54.º Baldios; art. 55.º, 51.º, 47.º, 46.º, 27.º, 21.º, 13.º, 15.º, 7.º, 1.º, 13.º, 5.º, e 44.º Proibições; art. 56.º, 55.º, 51.º, 47.º, 46.º, 27.º, 21.º, 13.º, 15.º, 7.º, 1.º, 13.º, 5.º e 44.º Idem; art. 57.º Punições; art. 58.º Pesca; art. 59.º Proprietarios; art. 60.º Idem; art. 61.º Almotaceis; art. 62.º Aguas; art. 63.º Almotaceis (art. 61.º); art. 64.º Idem; art. 65.º Aguas (art. 62.º); art. 66.º Idem; art. 67.º Levadas; art. 68.º Aguas (art. 65.º e 62.º); art. 69.º Almotaceis (art. 63.º e 61.º); art. 70.º Idem; art. 71.º, 65.º e 62.º Aguas; art. 72.º Aguas (art. 71.º, 65.º e 62.º); art. 73.º Idem; art. 74.º Ribeira da Avelleira; art. 75.º Almotaceis (art. 69.º, 63.º e 61.º); art. 76.º Camara Municipal; art. 77.º Posturas Municipaes; art. 78.º Zeladores Municipaes; art. 79.º Idem; art. 80.º Infraactores; art. 81.º Zeladores Municipaes (art. 78.º); art. 82.º Idem; art. 83.º Idem; art. 84.º Concelho de Arganil; art. 85.º Facultativos; art. 86.º Idem; art. 87.º Idem; art. 88.º Remunerações dos Facultativos; art. 89.º e 77.º Posturas Municipaes; art. 90.º Coimas; art. 91.º Pessoas incoimadas; art. 92.º, 89.º e 77.º Posturas municipaes; art. 93.º Transgressões das Posturas; art. 94.º Idem; art. 95.º Multas; art. 96.º Idem; art. 97.º Idem; art. 98.º Idem; art. 99.º Multas; art. 100.º Idem; art. 101.º Auctoridades; art. 102.º Policia Urbana; art. 103.º Posturas; art. 104.º Idem,

Distancias dos logares da freguezia á sede do concelho e a Coja

	a Arganil	a Coja
Barreira Ruiva.....	12 kil.	— 7 kil.
Bemfeita.....	17 »	— 10 »
Cazal d'Adgalego... 11 »	— 6 »	
Cepinho.....	17 »	— 11 »
Deflores.....	15 »	— 7 »
Dreia.....	14 »	— 6 »
Enxudro.....	21 »	— 14 »
Luadas.....	14 »	— 10 »
Montefrio.....	21 »	— 14 »
Pae das Donas.....	15 »	— 11 »
Pardieiros.....	20 »	— 13 »
Pisão d'Agua de Maio	17 »	— 9 »
Quinta do Pau.....	16 »	— 9 »
Relva velha.....	22 »	— 15 »
Sardal.....	20 »	— 14 »

Em aditamento as ditas posturas trazem postura sobre caiação das casas na villa de Arganil e sobre regulamento de caça.

Partidos de Medicina—As posturas antigas trazem uma tabella dos emolumentos de caminho, pela qual se hão de regular os facultativos dos partidos de medicina e cirurgia do concelho de Arganil, que se acham divididos em dois circulos com centros nas villas de Arganil e Coja. A distancia é calculada e marcada por legua de 60 minutos ou uma hora de caminho com emolumento de 360 reis.

Rios e ribeiros.—Não passa por esta freguezia rio algum. O mais perto é o Alva, que banha Villa-Cova e Coja, distando d'esta terra 6 kilometros pouco mais ou menos. Tem porém uma ribeira denominada Ribeira da Matta da Margarça, que rega, moe e traz peixe (vid. «Portugal Antigo e Moderno» de Pinho Leal na palavra Bemfeita.

Pé de Altar.—Regula por uns 40\$ reis pouco mais ou menos fóra as amen-tas e foliar.

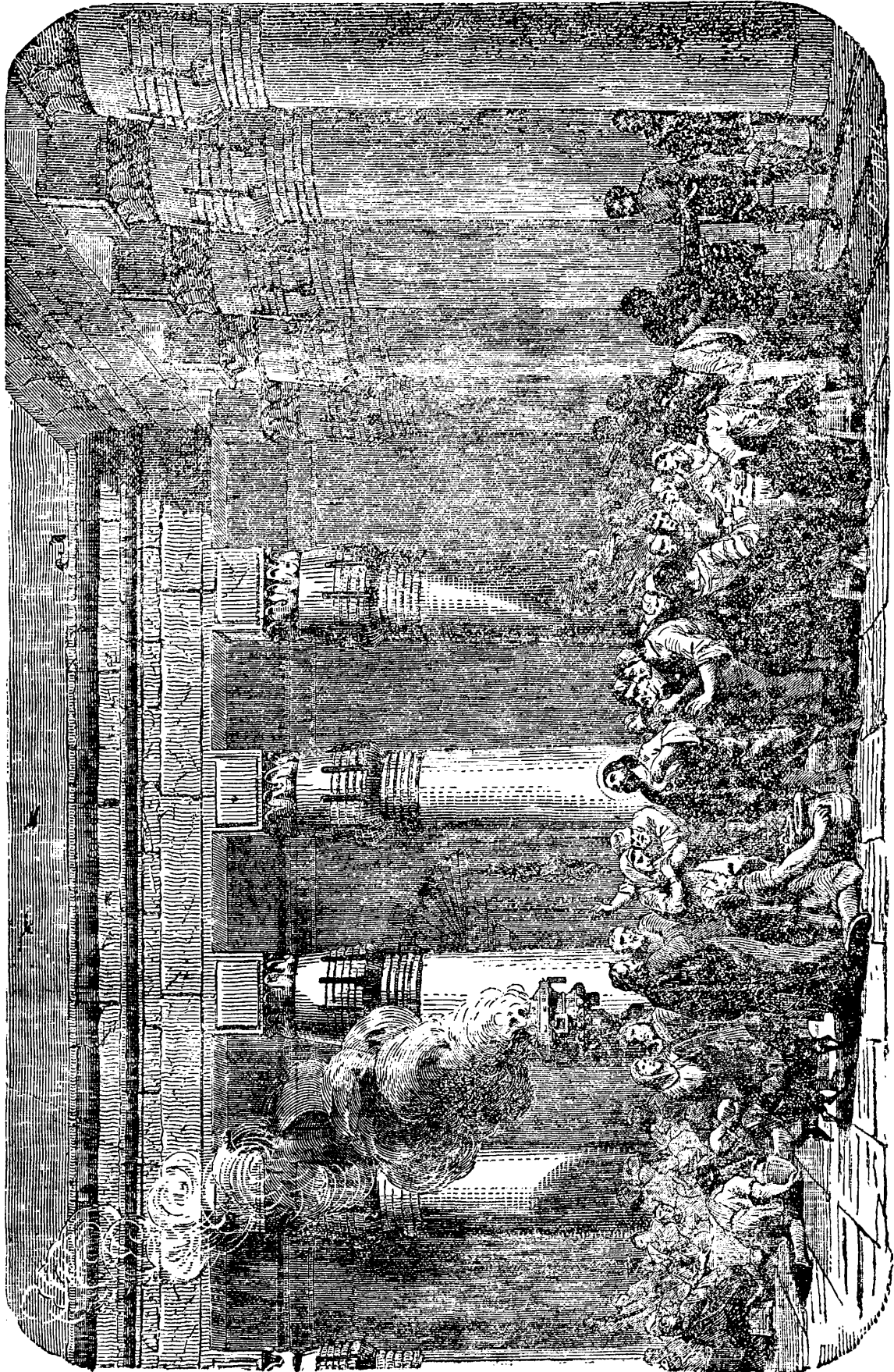
Pharmacia.—Não tem; a mais perto é em Coja a 6 kilometros.

Relogio.—A torre da igreja tem relogio collocado em 1886. Custou reis 72\$000, tudo á custa dos habitantes de Bemfeita.

Sachristão.—Tem sachristão nomeado em harmonia com o Parocho e pago pela Junta de Parochia.

Telegraphia.—Não tem; a mais perto é em Arganil a 12 kilometros.

Ultimo Parocho collado.—O primeiro Parocho collado, que houve na freguezia foi o rev. Luiz Bernardo Soares, o penultimo foi o rev. Joaquim Florindo Soares Correia, natural do logar da Dreia d'esta freguezia, e o ultimo é o actual, o rev. Alfredo Nunes de Oliveira, natural do logar e freguezia de Villa-Cova.



BODAS DE CANÁ

Emendas ás erratas mais principaes do artigo Bemfeita:

- A pag. 163 linha 10.^a onde diz: Christaes, deve dizer-se: Caixotes.
 —A pag. 163 linha 39.^a, da columna 2.^a deve supprir-se a palavra habilmente em vista de uma analyse a uma oração grammatical, cuja analyse e oração foi publicada no jornal de Rio Maior a «Civilização Popular» 3.^o anno, n.^o 154.
 —A pag. 276 linha da columna 2.^a onde se diz: Regio que Domus Principes, deve dizer-se: Regiae que Domus Principes.

ALBINO S. D. C.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 20)

CCXCVIII

P. Antonio Honorati

NENHUM verdadeiro cultor das letras portuguezas pôde deixar de ser grato a este sabio e erudito jesuita, nosso contemporaneo, e tanto mais, que elle não era natural do nosso reino. Foi este religioso, como é sabido, que compilou os sermões do nosso P. Antonio Vieira, com o titulo — *O Chrysostomo Portuguez*.

Mas antes de tudo digamos duas palavras biographicas sobre o P. Antonio Honorati.

Nasceu este preclarissimo varão, gloria da Companhia de Jesus no presente seculo, em Ferentino, cidade de Italia, pelos annos de 1829.

Foi distincto alumno da Universidade Gregoriana, que tambem se denomina *Collegio Romano*, onde se laureou em philosophia e theologia; antigo e acreditado professor de rhetorica n'um dos collegios da sua Ordem; fundador ou primeiro Reitor do afamado Collegio de Itú, no Brazil.

N'este ultimo paiz foi o P. Honorati missionario zeloso e incansavel, sendo muito venerado pelo povo sertanejo, a tal ponto que os mesmos inimigos da Igreja Catholica e da Companhia chegaram a dizer que este jesuita «era o idolo dos matutos e considerado como um Deus».

Elle foi o fundador ou promotor principal da fundação da bella igreja matriz do *Baixo Verde* (hoje chamada *Villa do Triumpho*); eloquente e applaudido conferenciador em Pernambuco, em Santa Martha de Lisboa, e nas cercanias do Porto, dando exercicios espirituaes ao clero.

Foi amigo intimo dos heroicos Bispos de Pernambuco e do Pará, illustres confesores da fé, e por este motivo teve não pequena parte em padecer a terrivel perseguição que a maçonaria do Brazil promoveu aos dois Prelados.

Em poucas palavras diremos tudo. O P. Antonio Honorati era um varão apostolico, todo cheio de abnegação, eminente na caridade.

Amigo da paz, este santo jesuita preferiu atravessar, incognito, todo o Brazil, correndo bastantes perigos, a ser causa do derramamento de sangue que os bons sertanejos, por elle evangelizados, estavam resolvidos a causar, defendendo a religião atacada e a innocencia opprimida pelo governo e auctoridades maçonicas do Brazil.

Voltoou a Portugal, onde falleceu no Collegio de Campolide a 14 de agosto de 1881. Tinha apenas 52 annos de idade.

Para se saber o quanto o jesuita Honorati era amigo de Portugal e eximio cultor das nossas letras, basta o seu *Chrysostomo Portuguez*, compilação dos sermões do P. Vieira. Esta magnifica obra, que consta de 6 grossos volumes, começou a publicar-se em Lisboa, em 1878.

Os 4 primeiros volumes são precedidos de bellissimos prologos, escriptos com toda a solidez e erudição, obra do P. Antonio Honorati. Ninguem dirá que o seu auctor é italiano, á excepção d'algumas coisas de pequena importancia. Ha muitos portuguezes que não escrevem na sua lingua com tanta perfeição como o P. Honorati, italiano.

E' tambem obra sua o livro que elle publicou sob o titulo — *O Character religioso dos Lusitãos de Luiz de Camões*. E' um precioso opusculo que teve grande e bem merecida acceitação dos catholicos portuguezes, por occasião do centenario do nosso poeta.

Em conclusão, o jesuita Antonio Honorati, pelas suas virtudes, erudição e sabedoria, foi um benemerito.

(Continua).

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO LITTERARIA

Milicia Christá

2.^a PARTE

VIII

Os Mysterios

Astros, que luminosos, refulgentes
 Pairaes nos horizontes,
 Do povo fortunado dos fieis crentes,
 Sobre os mais altos montes
 E as mais bellas, soberbas penedias,
 Jazeis, de tristes noites, lindos dias.

Não veám a vossa luz, os que doridos
 Não podem os seus olhos
 Abrir ao sol, nem tem d'ouvir ouvidos,
 Nem vencem os escolhos
 D'uma soberba, que me causa espanto,
 Como causa fatal d'eterno pranto.

Mas, nós os crentes, do futuro dia,
 Em vós, a rica aurora
 Descobrimos sorrir-nos da alegria,
 Onde a ventura mora,
 Sem sobras de pezar, nem de torturas,
 Entre brizas de paz, as mais seguras.

Vemos em vós, de luz divino fóco,
 Que o pobre pensamento,
 Se intenta examinar, terá um loco
 E mui fatal intento,
 Intentando sair do seu circuito,
 E lançar-se a medir, o que infinito.

Mas de roda deixaes da humana mente
 Mais luz, que a sciencia humana
 Ditoso quem se prostra, reverente,
 E mais e mais se ufana
 De vos reverenciar, como divina
 Inspiração, que a Deus nos predestina.

E' certo que não vemos, lá no fundo
 Do ser da Divindade,
 Do infinito saber no mar profundo,
 O alcance da verdade:
 Mas, nem por isso, que não luz, se diga
 Em vós a luz d'alta verdade amiga.

Tambem do sol esse fulgor nativo
 Ninguem fltou bastante,
 Para o seu foco examinar activo,
 Nitido e radiante,
 E ninguem nega faz de noites dias,
 Enchendo-nos de luz e d'alegrias.

Astro fulgente, cuja luz tão viva
 Nos faz fchar os olhos,
 E estorv. do seu ser a perspectiva
 E do estulto os antolhos;
 Mas se espelha, de dia, no horizonte,
 E de noite, lá da lua no alto monte.

Assim sois vós, altissimos mysterios,
 Focos de luz immensa,
 Que não cabe nos pobres hemi-pherios,
 Da mente, que em nós pensa:
 Nem circundaes de luz a nossa mente,
 E o coração d'amor, no povo crente.

Da luz eterna, purissima, divina,
 Toda que mysteriosa,
 Que sempre, com amor, nos illumina,
 Mui vivida, mimosa;
 Nas horas de tormenta nosso norte,
 Na vida sempre amiga, e mais na morte.

Do amor divino uma expressão mimosa,
 Que a todos nos invita
 A desprezar do mundo a nebulosa
 Dissipação maldita,
 Que nos pretende separar do trilho
 Do nosso natural e eterno brilho.

Vós levantaes o vôo da nossa mente
 As bellas attitudes,
 Do que grande será, eternamente,
 Em todas latitudes,
 No ceu, na terra, coração, talento,
 D'esta alma racional, como sustento.

Vós dilataes a mente e horizontes,
 Onde ella pairar possa,
 Tranquilla vindo de sabedoria fontes
 Vir a iguorancia nossa
 Dissipar, com divinos esplendores,
 D'infunda sabedoria iniciadores.

Sabedoria, que, estavel, se levanta
Em pedestal eterno,
Como uma escola luminosa e santa
Do Pae bondoso e terno,
Que quer seus filhos illustrados, santos
E consolados nos seus longos prantos.

E vindes derramar, de nós em roda,
Vida, doçura, esperança,
E, de ter paz, a confiança toda
Na bemaventurança,
Que nos pintaes perto do solio eterno
Do Pae augusto, omnipotente e terno.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

PORTUGAL

(COMPOSIÇÃO INEDITA)

*Ao Ex.^{mo} Shr. Padre Antonio Hermano,
digno director do Collegio de S. Damaso
em Guimarães*

Ó minha formosa terra,
salve nobre Portugal,
grande na paz e na guerra,
sempre valente e leal;
patria de heróas e guerreiros,
que, outr'ora, sempre altaneiros,
honraram os teus padões!
— Rica de brios e glorias,
por toda a parte notorias,
salve, patria de Camões!

Ainda canções inspira
o teu pristino valor.
Por ti empunhára a lyra
eu, mesquinho trovador.
Quizera ainda cantar-te,
pois teu nome em toda a parte
poude outr'ora grande ser,
quando teus filhos briosos,
com seus feitos assombrosos
augmentaram teu poder.

Erguei-vos da sepultura,
recordáe vossas :ações,
heroes, que, pela bravura,
assombrastes as Nações!
Erguei-vos, nobres soldados!
Vem, Ala dos Namorados.
Vem tu, ó Mestre de Aviz!
E dizei ao estrangeiro,
como leis ao mundo inteiro
deu outr'ora este paiz!

Tinhas limites estreitos.
Mas, ven to as ondas do mar,
quizeste, por altos feitos,
o teu nome eternisar!
O mar, com suas bravezas,
as mais notaveis empresas
a teus filhos inspirou!
E o teu Sacro Promontorio,
que sempre será notorio,
mais terra e mar te mostrou!

E quantas localidades
se ufanam dos seus brazões
e antigas heroicidades
e de nobres tradições?
Quantos muros, já caídos,
e castellos denegridos
honram ainda a Nação?
Quantos valhos monumentos
heroicos ensinamentos
hoje ainda lembrarão?

Repellindo o jugo alheio,
podeste, ó patria, vencer
o Castelhana, que veio
por Beat'iz combater;
como outr'ora, no Sal do,
teu valor, teu brio ousado
já os Mouros destroçou;
como, no Campo de Ourique,
o grande filho de Henrique
Portugal livre tornou.

E tiveste homens de fama,
como foi Pedro Cabral.
Tiveste Vasco da Gama,
por quem choras, Portugal.
Zarco e Tristão Vaz tiveste.
E tambem o barça céste
ao grande Diogo Cão.
Tiveste Antonio da Motta,
que, em bem notavel derrota,
foi descobrir o Japão!

Da gloria a estrella brilhante
se Pedro Cabral guiou,
o caminho do levante
tambem ao Gama ensinou.
Ao ousado marinheiro,
João Affonso de Aveiro,
mostra as terras de Benim;
como em tempos afamados,
levou guerreiros ousados
a Mazagão e a Saffim!

Tu levaste a verdadeira
crença a Malaca e a Ormuz.
Tremulou tua bandeira
em Terras de Santa Cruz!
As Terras da Oceania
já poude a tua ousadia
tambem as Quinas levar!
— Poude a tua mão robusta
terras, na Africa adusta,
descobrir e conquistar!—

De Castella tu soffreste
os mais pesados grilhões.
— Mas um dia o cóllo ergueste
e honraste os valhos padões.
E, depois de sessenta annos,
tu mostraste aos Castelhanos,
que livre de ejus ser.
E cada um de teus filhos,
seguindo da gloria os trilhos,
soube a patria defender!—

Já os guerreiros da França
te quizeram subjugar.
Mas teu brio não descança
e logo os fez aterrar!
E tua gente briosa
em Albuera e Tolosa
mostrou heroico valor.
Teus filhos, tua bandeira
honrando em terra estrangeira,
mostraram seu patrio amor!

Des Affonsos as proezas,
talentos de Dom Diniz,
inspiram altas empresas
para a Nação ser feliz.
Tambem os Sanctos valentes,
com seus feitos eminentes
independencia te dão.
E tu, combatendo os Mouros,
ganhaste vircentes louros,
que nunca se murcharão!

Dom Duarte amor profundo
às letras quiz dedicar.
Tambem Dom João segundo
aos reis soube exemplos dar.
Dom Manuel poderoso,
nas empresas venturoso,
mostrou brio portuguez.
— Quiz o infante Dom Fernando,
com firmeza a patria amando
captivo acabar em Fez!—

Se filhos desnaturados
despresam sua Nação,
alguns, por feitos ousados,
ainda l'riho te dão!
N'essas Terras africanas,
e nas plagas indianas,
desejam ainda erguer
a portugueza bandeira,
que sonbe sempre altaneira
inimigas não temer!

II

Mas não só tuas proezas
eu desejo recordar.
Tuas naturaes bellezas
quero tambem contemplar.
Amo o Tejo candaloso.
Amo o Vouga tão formoso;
do Liz, o manso correr;
e o Lima, que já fizera
tudo, a quem vel-o podéra,
tão gratamente esquecer!

Amo as bellzas do Sado,
que Beage tanto amou
e, por ellas inspirado,
immortal nome alcançou.
Amo tambem o socoço,
com que as aguas do Mondego
podem dar inspiração;
do Douro as ribas fragosas;
do Minho as margens formosas
e as ferteis margens do Dão.

Como é formoso o Odemira!
E Cintra e o Bussaco tem
bellezas, que sempre admira
quem ao meu Portugal vem.
Tuas formosas colinas,
teus prados, tuas campinas,
inspiram canções de amor!
E de s Beiras os vinhedos
e do Minho os arvoredos
sempre fallam do Senhor!

Tem grata melancolia
os teus vestes pinheiras.
E tem grata poesia
teus umbrosos olivaeas.
Os teus bosques verdejantes,
teus pomares abunda tes
sempre afamados sorão.
E as tuas noites calmosas
dão ao vate horas ditosas
da mais pura inspiração!

Eu não trocára as bellezas
da minha terra natal
por clevidas riquezas
larga do meu Portugal.
Não trocára as tuas flores,
de teus campos os verdoros,
teu formoso pôr-do-sol;
e as manhãs, cheias de encantos
e os te nos, sentidos, prantos
do sentido rouxinol!

Quem trocárá tuas fontes,
tuas noites de verão,
os teus prados, os teus montes,
por os de estranha Nação?
Por hem notavel magia,
causa, a ext'anhos, nostalgia,
ao lorge, o teu Cou azul;
tuas estrellas brilhantes,
teus arroios susurrantes,
tuas virações do sul!

Aos povos de priscaas eras,
notaveis por seu valor,
do teu só já pudéras
tambem inspirar o amor.
A terra dos lusitanos,
Turdulos, Gregos, Romanos
já gostaram de habitar.
E a terra dos Portuguezes
tem a estranhos muitas vezes
podido invejas causar.

Portugal, a tua fama
 não poderá esquecer.
 Os nomes de Castro e Gama
 também não hão de morrer.
 E aquelles feitos ousados
 dos «varões assignalados»,
 que celeb. ára Camões,
 hão de dar-te nome e gloria,
 ainda que a tua historia
 rasgueem um dia as nações!

Aveiro.

RANGEL DE QUADROS.

O MISSIONARIO

(Recitada por ocasião da distribuição
 dos premios em Lahane.)

Quem é esse personagem
 Tão heroico e sublimado
 Que vive longe, exatriado
 Lá no meio do sertão,
 Cujá vida abnegativa
 Desperta em todos respeito
 Tão digna d'excelso preito
 De profunda gratidão?

Quem é pois?... Eil-o aqui!
 Eil-o!... o Missionario
 De cuja vida o fadario
 E' cumprir uma missão:
 Ensinar povos ignaros
 A amar um Deus verdadeiro
 A quem quasi o mundo intairo
 Presta culto, adoração.

Missão heroica e sublime
 Não póde haver out'igual
 N'este mundo universal!
 Tem por norma a caridade
 A virtude incomparavel!
 E quem póde avaliar
 Seu constante labutar
 Qu'ignora a humanidade?

Váde-o pois, bam patente
 Em seu rosto descórado
 N'um triste aspecto, mirrado
 Que bam provam seu soffrer!
 Este mundo não faz caso
 De quem estragou a vida
 Em pró da patria querida
 Trabalhando até morrer!...

Mas bam haja esse heroe
 Que vence todos os p'rigos
 Captiva seus inimigos
 Com sua vida exemplar!
 Expondo a sua saude
 Vae sob um sol tropical
 Ou chuva torrencial
 A missão desompenhar.

Continua, missionario
 A tua heroica missão;
 Tu terás o galardão
 D'esses soffrimentos teus.
 A'vante!... não de-animes;
 Tem por norte uma victoria
 Que alcanças na gloria
 Lá bam junto do teu Deus!...

Timór 30—8—97.

FRANCISCO GUERRA.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

CONTINUA a publicar-se com toda a regularidade o *Catecismo de Perseverança*, do Padre Gaume, que o be-

nemerito editor portuense, sr. Antonio Dourado, está distribuindo em fasciculos. O primeiro volume já está publicado. Custa, por assignatura, 1\$000 reis.

Não cessaremos d'encarecer este preciosissimo livro, que é indispensavel na bibliotheca não só do Padre, mas do leigo, que deseje conhecer bem a religião catholica.

Terminada a obra, o preço será elevado. Por isso, todos aquelles que a queiram adquirir, bem farão em assignal-a já, porque lhes fica mais barata.

Os pedidos devem ser feitos ao benemerito editor, rua dos Martyres da Liberdade, 165.

*
 * *

Recebemos o precioso livrinho—*Corações acima ou soliloquios de Santo Agostinho, nacionalizados em vernaculo sobre o original latino e annotados nas passagens obscuras* pelo rev.^{mo} sr. conego Senna Freitas.

Este livrinho traz a aprovação dos Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto e Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Snrs. Arcebispo de Evora e Arcebispo-Bispo do Algarve.

Diz o illustrado traductor na prefação:

«Offereço esses soliloquios, ora vertidos em vernaculo, a todas as almas que aspiram a subir para Deus, para purificar-se em seu seio, illuminar-se na sua luz e viver da sua vida. Por isso intitulei a presente versão—*Corações acima*, lembrando-me de que este titulo seria para o commum dos leitores mais comprehensivel que o de *soliloquios*, resabiado de latinismo, lingua erudita que não popular. Em cada coração onde este livrinho d'ouro abrir uma clareira para o conhecimento proprio, para a consolação, para a força moral e a paz em Deus, encontrarei uma sobeja compensação ás horas de trabalho que lhe dediqueis.»

A edição é do sr. Aloysio Gomes da Silva, Largo dos Loyos, 54, Porto.

Agradecemos a offerta e recomendamos este precioso livrinho.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Santa Polonia, virgem e martyr

(Vid. pag. 25)

No tempo do imperador Philippe, certo propheta, mago de profissão, começou, no anno de 248 da era christã, a prégar nas ruas d'Alexandria, ameaçando toda a cidade com

uma grande desgraça se não fossem exterminados todos os christãos, inimigos dos deuses e de seu culto.

Isto provocou um grande motim, em que foram sacrificadas algumas vidas de christãos.

Entre todos os prodigios do valor christão, Pollonia, a quem outros chamam Apollonia, foi quem mais se distinguuiu por uma intrepidez e coragem que todos os seculos teem admirado, e que foi o assombro dos proprios pagãos.

Era a nossa heroína uma donzella veneravel, tanto pela sua ancianidade, como pelo constante e dilatado exercicio d'uma solida virtude.

Referem alguns que Apollonia era de distincto nascimento e que desde menina fôra educada na religião christã. O que ha de certo é que era a veneração e o exemplo dos christãos de Alexandria; que vivia n'um completo retiro, e passava os dias no jejum, na oração e na pratica de todas as virtudes.

Durante o motim popular estava encerrada na sua casa, levantando continuamente os olhos e as mãos ao céo; e como não duvidava que bem depressa havia de ser uma ditosa victima d'aquella sacrilega sedição, estava a dispor-se fervorosamente para se offerecer em sacrificio.

Os gentios, mais e mais enfurecidos com o sangue dos martyres, correram tumultuosamente ás casas dos christãos, saqueando-as e incendiando-as. A cidade de Alexandria tinha o aspecto d'uma praça tomada d'assalto e entrada a fogo e sangue pelos inimigos.

Foi n'esta segunda insurreição popular, diz S. Dionysio d'Alexandria, que aquellas sanguisedentas furias encontraram Santa Apollonia em sua casa, onde, como dissemos, continuamente se estava offerecendo a Deus na qualidade de victima.

Apoderando-se da sancta donzella, determinaram atormental-a tanto mais, quanto era maior a veneração de que Apollonia gozava entre os christãos.

Primeiramente quebraram-lhe todos os dentes com uma pedra, e com a mesma lhe amolgaram todo o rosto.

Enraivecidos não só pela serenidade que a Santa conservava, mas tambem pe o gozo que ella fazia entreapparecer no meio d'estes barbaros tormentos, não houve crueldade que não experimentassem n'aquella christã heroína, cuja constancia os tinha assombrados.

Valeram-se então das ameaças, das promessas, de quantos artificios poderam imaginar para a vencerem; porém acharam sempre n'ella uma firmeza e magnanimidade mui superior ao seu sexo e idade.

Desesperados de não lograrem o seu intento, julgaram que a perseverança de Apollonia facilmente cederia á prova do fogo, sendo natural que uma donzella sem vigor e sem animo, em razão da sua ancianidade, não poderia resistir até mesmo só ao terror de ser queimada viva.

N'esta persuasão conduziram-na fóra da cidade, e accendendo uma grande fogueira, ameaçaram-na com lançal-a ao fogo, atada de pés e mãos, se ella no mesmo instante não proferisse as mais horriveis blasphemias contra Jesus Christo, e offerecesse incenso aos deuses.

A purissima donzella que tinha passado a sua larga innocente vida no serviço do Senhor, estremeceu ao ouvir tão impia proposta; e sentindo crescer n'aquelle ponto o amoroso incendio que a consumia pelo seu Esposo Jesus Christo, e o desejo de o honrar ainda mais com o sacrificio da propria vida, teve a extraordinaria inspiração de fazer vêr aos pagãos, antecipando-se com a melhor vontade ás suas crueldades, que a proposta de blasphemar de Jesus Christo lhe causava mais horror do que a fogueira e todos os supplicios.

Não esperou, pois, que a lançassem no fogo; ella mesma se arrojou ao meio das chammas, para testemunhar aos idolatras que o seu sacrificio era voluntario e alegre.

Tendo pedido que lhe concedessem um pouco de tempo como para deliberrar, esteve alguns momentos n'um profundo recolhimento interior, supplicando ardentemente a Deus se dignasse acceitar-lhe o sacrificio, que lhe fazia da vida: em seguida, cheia de vivissima confiança e abrazada no amor de Deus, querendo tornar visivel aos infieis que nenhum tormento é capaz de acobardar os verdadeiros christãos, e que estes christãos não soffrem a menor violencia no voluntario sacrificio que ao Senhor fazem da sua vida, precipitou-se intrepidamente no fogo, que n'um instante a consumiu.

Ficaram attonitos os pagãos, olhando-se uns aos outros, sem se resolverem a crêr o que presenciavam, pois não podiam comprehender como era que uma donzella tinha mais valor para se offerecer em sacrificio a Deus, do que ancia elles mesmos sentiam de a verem reduzida a cinzas.

Os fieis empregaram todo o cuidado em recolher o que poderam do sagrado corpo, com especialidade os dentes, que, como preciosas reliquias, foram distribuidos por varias egrejas da christandade.

Os continuos favores que teem recebido e recebem ainda hoje os que recorrem á intercessão de Santa Apollo-

nia, mostram o grande poder que a nossa heroína tem com Deus, e a bondade com que attende aos que implo-ram a sua protecção. Pode dizer-se que foi quasi desde o seu martyrio que os christãos principiam a invocal-a em muitas enfermidades, especialmente nos males dos dentes e da garganta.

*
* *

Bodas de Caná

(Vid. pag. 31)

Tres dias depois da partida de Je us para a Galiléa, houve umas bodas em Caná, povoação d'aquelle provincia, proxima de Nazareth. Achava-se lá a mãe de Jesus, e foi tambem convidado Jesus com seus discipulos.

Tendo-se acabado o vinho a mãe de Jesus lhe disse: «Elles não teem vinho.» Jesus respondeu-lhe: «Que me importa isso a mim ou a ti? Ainda não é chegada a minha hora.» Não obstante, Maria impellida pelo Espirito de Deus que lhe fazia conhecer que essa occasião não estava longe, disse aos que serviam: «Fazei tudo o que elle vos disser.»

Ora estavam alli postas seis talhas de pedra, para servirem ás purificações de que usavam os Judeus. Cada uma d'ellas levaria duas a tres medidas (correspondendo de 30 a 45 litros.) Jesus disse para os homens: Enchei d'agua essas talhas, e elles encheram-n'as até cima.

Então lhes disse Jesus: «Tirae agora e levae ao architriclino. Era assim designado um dos amigos do esposo que era encarregado de dirigir o banquete. O mordomo assim que provou a agua que fôra convertida em vinho e não sabendo d'onde viera aquelle vinho, chamou o noivo e disse-lhe: «Toda a gente apresenta primeiro o melhor vinho, e quando os convidados já teem bebido bem, e já o não sabem apreciar, dá-se-lhes então outro mais inferior, mas tu, ao contrario, tiveste guardado o melhor até agora.»

Este milagre foi o primeiro que Jesus fez em signal da sua divina missão. Assim manifestou a sua gloria e o seu poder, e os seus discipulos cre-ram n'elle.

Estes factos são narrados pelo apostolo S. João. Bossuet faz notar que o Evangelista apontou para estes factos a ordem dos dias, porque queria ligar a manifestação de Jesus n'estas bodas com os testemunhos de S. João Baptista.

Por isso observa que a deputação dos Judeus a João se fez em Bethania, e que no dia seguinte o precursor ainda

lá estava quando tornou a dar testemunho a Jesus. A vocação d'André e Pedro realisa-se no outro dia; e no immediato, Jesus Philippe, que traz depois consigo Nathanael, e passado tres dias são as bodas em Caná. Tudo isto, diz Bossuet, está intimamente ligado na ordem dos dias; vê-se que o Evangelista S. João nos quer fazer seguir a manifestação de Jesus Christo, primeiramente por S. João Baptista e depois por Jesus Christo em pessoa. Por isso está escripto no fim da narração: Foi este o principio dos milagres de Jesus e manifestou pessoalmente a sua gloria e os seus discipulos crearam n'elle não já sómente pelo testemunho de S. João Baptista, mas até pelo effeito do seu poder.

RETROSPECTO

Visita de Mousinho d'Albuquerque ao Porto

Fol grandiosamente bella, inexcelsivel e arrebatadora a recepção feita pela invicta cidade do Porto, a por excellencia cidade da Virgem, ao bravo major Mousinho de Albuquerque, o celebre heroe de Chaimite, cujos gloriosos feitos em Africa assombrou toda a Europa.

No dia 16 de janeiro de 1898 toda a cidade se achava revestida de pomposas galas para receber e saudar con- dignamente o valente guerreiro que nas plagas africanas ergueu bem alto o pendão das quinas portuguezas e consolidou o nosso dominio ultramarino.

De todos os peitos irrompia o grito unisono de: «Viva Mousinho! Viva o heroe de Chaimite!»

A recepção, repetimos, feita pelo Porto ao glorioso commissario régio de Moçambique excedeu a expectativa.

De tudo isto, e de muito mais, era digno o intrepido militar, honra e lustre do exercito portuguez.

Achamos a palavra impotente para descrever todas as pompas, todos os fulgores que nos empolgaram a attenção e fascinaram a alma delirante.

Como os nossos leitores terão, de certo, visto a descripção dos festejos nos jornaes diarios, limitamo-nos a dar uma succinta noticia d'elles:

A's 11 horas da manhã d'aquelle dia chegou Mousinho á estação de Campanhã, onde o esperavam todas as auctoridades, officialidade e tropas da guarnição, collectividades, associações, academia e milhares de pessoas. Ao chegar o comboyo ás agulhas, foi delirante o enthusiasmo. Os estudantes acclamaram ininterrompidamente o valente soldado, e, pegando n'elle ao collo,

levaram-n'o em triumpho até á sala de recepção, onde, depois de trocados os cumprimentos, uma commissão de *sport men*, seus admiradores, lhe offereceu um cavallo, de bonita estampa, ajaezado.

Em seguida Mousinho, montando no cavallo, dirigiu-se para o edificio da camara municipal acompanhado pelo sr. general Cibrão, officialidade a cavallo, e pela cavallaria da guarda municipal. Atraz seguiam perto de cem trens, á frente dos quaes ia a esposa de Mousinho, a cunhada e a esposa do presidente da camara municipal d'esta cidade, o sr. Wenceslau de Lima.

Chegados aos paços do concelho o sr. Wenceslau de Lima leu a mensagem de felicitação pelos heroicos feitos de Mousinho em Africa dando-lhe as boas vindas a esta cidade.

Após esta curta cerimonia dirigiu-se o cortejo para a vasta capella da Lapa, onde se realizou o *Te-Deum*, presidido pelo rev.^{mo} Provisor do Bispado, sr. Dr. José Correia Cardoso Monteiro. Foi muito notado o piedoso recolhimento de Mousinho no templo. Finda a cerimonia dirigiu-se o cortejo até á rua de Santa Catharina, para o hotel do Porto, onde Mousinho e sua comitiva se alojou, e a cujas janellas teve de assomar varias vezes para agradecer as manifestações do povo, que nunca cessava de o aclamar.

A' noite realisou-se a sessão solemne na Associação Commercial, onde o sr. Leopoldo Mourão, presidente d'aquella aggremação, entregou a Mousinho a espada d'honra, offerecida pelo corpo commercial d'esta cidade.

Mousinho agradeceu á Associação Commercial a honra que lhe fez e disse que «a espada é para o soldado não apenas uma arma de combate e de defeza, mas o symbolo da propria honra. Se o soldado a entrega, deshonra-se; se a perde, e com ella não perde a vida fica eternamente aviltado. Aquella espada d'honra que lhe offereciam, servir-se-ha d'ella para defender o Rei e a Patria, e—jurava-o pela sua farda—emquanto tivesse um sopro de vida, não a deixaria cair em mãos inimigas.»

Estas palavras provocaram grande entusiasmo.

A' uma hora da tarde de segunda-feira realisou-se a distribuição dos premios «Camões», no edificio da camara concedida pela empreza do *Commercio do Porto* aos estudantes mais distinctos do Lyceu Central, a que assistiu Mousinho.

Na Césinha Economica houve um bodo a 1:200 pobres.

No Palacio Crystal realisou-se uma *matinée*.

A' noite, ás 8 horas, celebrou-se no Centro Commercial uma sessão solemne em honra de Mousinho. Fallaram varios cavalheiros.

A's dez horas, Mousinho foi ao theatro de S. João, onde houve recita de gala. Tanto á entrada como á sahida Mousinho foi muito victoriado.

Na terça-feira, á 1 hora da tarde, teve lugar a sessão solemne da Associação Mousinho d'Albuquerque no theatro Carlos Alberto. A' noite houve n'este theatro espectáculo d'honra, dado pela mesma associação, a que Mousinho assistiu até ás 11 horas, seguindo depois para o Club Portuense, onde se realisou um baile d'honra.

Na quarta-feira, ao meio dia, celebrou-se no Campo da Regeneração a missa campal, que revestiu uma grande imponencia. Mais de oito mil pessoas enchiam o vasto campo.

Depois de terminada a missa seguiu o cortejo para a praça da Boa-Vista, hoje Praça Mousinho d'Albuquerque, onde se procedeu ao descerramento da lapide com a nova designação de rua.

A's tres horas da tardê Mousinho visitou a officina de S. José.

A' noite realisou-se a conferencia de Mousinho no Centro Commercial, depois da qual se organisou a *marche aux flambeaux*, promovida pela corporação dos bombeiros voluntarios, a qual foi deslumbrante.

Os alumnos do Seminario do Porto foram na quinta-feira de manhã, antes da partida de Mousinho para Braga, acompanhados do seu digno Vice-reitor, dr. Theotónio Ribeiro de Castro, offerecer-lhe uma valiosa recordação: umas esporas d'ouro.

A's 11 horas da manhã de quinta-feira partiu Mousinho para Braga no meio das aclamações do povo.

As ruas foram bellamente illuminadas durante o tempo da estada de Mousinho no Porto.

A rua de Santo Antonio era illuminada a arcos de gaz, e os Clerigos e Praça de D. Pedro a serpentinias.

A recepção feita no Porto ao valente militar foi verdadeiramente real e digna.

Amigo de Peniche

Morreu em França o snr. Pajet, decano do senado, e d'elle conta-se a seguinte anecdota:

Pajet esteve ha tempo gravemente enfermo, sem que durante o periodo de maior gravidade perdesse o espirito nem o humor que n'elle era bem conhecido.

Perguntando quem eram as pessoas que mais frequentemente iam saber noticias do seu estado, disseram-lhe que entre todas havia um sujeito de porte distincto que duas e tres vezes por dia se informava da sua saude.

—Desejo saber o seu nome, disse o enfermo, agradecido a tanta sollicitude. Quando voltar peçam-lhe que deixe ficar o seu cartão.

No dia seguinte o creado apresentava o cartão que o desconhecido lhe havia entregado, e no qual se lia:

«F... , empregado da casa Gannal, Ure e Falconi, pompas funebres e decorações.»

Imagine se, a cara com que ficou o enfermo ao lêr o bilhete.

Franquia postal do Brazil

Tendo o governo do Brazil alterado, para o effeito da franquia das correspondencias postaes procedentes d'aquella republica, com destino aos paizes da União Postal Universal, a equivalencia da moeda brasileira (reis) á moeda franceza (franco), fixando-a em 50 reis, por cinco centimos: em 100 reis por dez centimos; e em 200 reis por 25 centimos;—as correspondencias destinadas a Portugal que se não achem devidamente franqueadas conforme a nova equivalencia, serão oneradas com porte a cobrar dos respectivos destinatarios, na importancia dupla dos sellos postaes brasileiros que lhes faltam.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios. 15000 reis—Estados da Italia, China, e America, 12280 reis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 reis

As assignaturas são pagas adeantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74 —PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a

Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria 74 —PORTO.

Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria—Porto 74